



INTRODUÇÃO



Esta Introdução está organizada em dois módulos:

Introdução (pág.03 a pág.04).
Estrutura dos Capítulos (pág.04 a pág.07).

Introdução

Esta pesquisa é resultado de estudos de paisagens no distrito de Brasilândia, zona norte do município de São Paulo. Teve como antecedente minha participação em trabalhos do Grupo Técnico de Apoio, na assessoria técnica responsável pela elaboração de um plano de ação na região em 2003, em projetos de intensa interação com a população.

Ao procurar orientação para o mestrado, esta minha profunda vivência no distrito veio ao encontro da pesquisa de campo iniciada em 2000, pelo Prof. Dr. Euler Sandeville Jr., nessa mesma região, viabilizando a adoção dessa área como objeto de estudo.

Assim, a experiência pessoal e profissional que tive nas favelas e loteamentos irregulares e clandestinos do distrito, acompanhando o cotidiano dos moradores, bem como a produção e valorização dos espaços, possibilitaram, ao ingressar no mestrado, abordar novas questões¹ que deram origem a essa dissertação.

Essa pesquisa integra um grupo de estudos sobre Conceitos e Métodos para Potencialidades e Gestão de Paisagens, que está na origem do Laboratório do Espaço: História, Gestão e Projeto - LAB ESPAÇO. Tem como recorte temático a produção e a apropriação do espaço, tendo por ponto inicial uma investigação crítica sobre o conflito das transformações espaciais atuais e a especificidade cultural, a partir de um entendimento das

¹ Antes, o "olhar" estava voltado para a precariedade destes espaços e para o atendimento de déficits habitacionais. Hoje, reconhecendo-os, percebo também a complexidade cultural desses territórios carentes, compreendendo a especificidade e valor próprios das formas arquitetônicas e da paisagem.

“paisagens como experiências partilhadas” (SANDEVILLE, 2005). É a busca de construir um entendimento da realidade, através de um estudo do homem em seu ambiente, com base na vivência e na observação participante, visando uma maior aproximação de sua natureza dinâmica e processual.

As pesquisas do Grupo de Estudos da Paisagem apoiam-se conceitualmente em autores que permitem uma compreensão estrutural do espaço, e que contribuem para uma discussão de paisagem como cultura e subjetividade². Nesse sentido, cada pesquisa desse grupo de trabalho aprofunda uma série de contribuições desses e de outros autores, seja da antropologia ou da geografia cultural, influenciados pela fenomenologia. Estas etapas de conceituação devem convergir em uma capacidade interpretativa das paisagens enraizadas em sua experiência, como uma primeira aproximação para estratégias participativas de ação.

Estrutura dos capítulos

Neste trabalho, desvelam-se e revelam-se paisagens sob diferentes formas de aproximação da realidade, evidenciando diferentes abordagens que se completam.

No primeiro capítulo, apresento a paisagem como “experiência partilhada”, e os procedimentos que nos levaram a uma possível compreensão dessa paisagem, através das pessoas e de suas histórias de vida.

² Refiro-me aos seguintes títulos dos autores citados, que, entre outros, vem sendo discutidos como base geral das pesquisas no grupo de estudos: A Natureza do Espaço (Milton Santos, 2004), Dialética do Concreto (Karel Kosik, 1976), Topofilia (Yu-Fu Tuan, 1980), O Método (Edgar Morin, 1991), Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos (Ecléa Bosi, 1994), A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos (Teresa Pires do Rio Caldeira, 1984), Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural (Augustin Berque, 2004) Analítica do Sentido (Dulce Mara Critélli, 2006).

No segundo capítulo, inicio o processo de interpretação do real, a partir de um estudo das transformações dessa paisagem. É apresentado o processo de produção da paisagem, com base em estudos espaciais e teóricos sobre produção do espaço periférico em São Paulo, confrontados com histórias de vidas de moradores do distrito. Assim, esse primeiro estudo que parte da análise de processos estruturais, ganha consistência, ao compreendermos como quem produz a paisagem e nela está inserido, por ela é tocada e afetada.

No terceiro capítulo, apresento a paisagem pela leitura de um dos seus principais contrastes, definido pela autoconstrução e pela Floresta da Cantareira. Neste capítulo é feito um recorte espacial para análise de um loteamento implantado na Serra da Cantareira, chamado Jardim Paraná. Colocando à luz, as relações que se estabelecem entre os moradores e seu ambiente, percebendo como seus valores influenciam na produção de territorialidades. É possível notar uma pluralidade constituída, por um lado, pelas irregularidades urbanísticas e jurídicas, pela precariedade das construções e de seu tecido urbano, pela escassez de infra-estrutura e de equipamentos públicos, pela violência e pela miséria; e, por outro, pela criatividade, pela mobilização social e pelo sentimento de responsabilidade com o outro.

No quarto capítulo, apresento as paisagens do distrito e sua gente, bem como suas percepções a respeito dessa paisagem. Apresento quais são seus sonhos, expectativas, frustrações e arranjos de sobrevivência cotidianos, os quais são determinantes na produção dessa paisagem. Esse estudo teve como base a análise da paisagem vivida (um contato direto com o cotidiano do morador) e da paisagem percebida (estudos de percepção, representação e narrativas de paisagem).

Em cada capítulo é visto o todo da compreensão que tenho dessa paisagem, a partir dos procedimentos e referenciais teóricos adotados e de um ponto de vista específico, que constrói formas diferentes de desvelar esses lugares. Essas formas de entendimento organizam os capítulos que só se fecham quando se fecha a pesquisa de campo, e a pesquisa de campo, por sua vez, só se fecha quando se formalizam essas formas.

Na conclusão, discorro sobre alguns aspectos do método de pesquisa, e da importância do estudo da paisagem periférica, reconhecendo suas particularidades.

Assim, além de contribuir para os estudos da paisagem, mediante a sua natureza processual e instável, pretende-se dar ênfase à paisagem como conhecimento do arquiteto. Abre-se aqui uma discussão sobre como a falta de apreensão da complexidade desses lugares, nos quais estão materializadas as escolhas particulares e coletivas dessa população, freqüentemente conduz a projetos de urbanização que não percebem e nem entendem as especificidades destes lugares.

Em alguns projetos urbanísticos, arquitetos e planejadores, tentam suprir somente as necessidades imediatas, como provisão de moradia e infra-estrutura, e transformam favelas e loteamentos irregulares em bairros da cidade “formal”, ditando a arquitetura da cidade “formal” (JACQUES, 2003). Assim, desvalorizam as formas representadas na paisagem, por desconhecerem a organização e participação da população na produção dessa paisagem, com o argumento de atender as necessidades imediatas³.

3 GANDY (2001:84) afirma que a problemática das cidades desenvolveu-se pelas ciências sociais até os anos 70, e que os estudos urbanos foram influenciados pela ecologia urbana e pela Escola de Chicago, com as influências, nos anos 70, das obras de M. Castells (1972), H. Lefebvre (1973) e D. Harvey (1973); os estudos se basearam na dinâmica do capital. Nesta segunda abordagem, a paisagem urbana perdia sua substância, pois não se levavam claramente em consideração, as variações sutis da significação cultural do espaço urbano, ou seja, a avaliação da diversidade social e espacial era ocultada pela pesquisa de novas metáforas explicativas, baseadas na economia política do marxismo. A partir da metade da década de 90, um novo diálogo instaurou-se progressivamente entre as teorias urbanas neomarxistas e uma literatura voltada para as representações culturais do espaço urbano.

“O planejamento urbano que não considere a paisagem integral (perceptível e fundamental) e cultural , não resolve os problemas ambientais e sociais gerados pela ocupação desordenada”. SILVA, M. (2002:229).